

Gonzagão e Dominginhos Aí tem. E como!

Jorge Sanglard

O "Rei do Baião", Gonzagão, e seu "filho artístico", Dominginhos, estão com música nova e dois LPs cantando a alegria do povo. Aos 75 anos de idade, Luiz Gonzaga continua firme e lança "Aí tem" (BMG-Ariola), mostrando vitalidade e muita malícia. Já Dominginhos, mantém o pique em "É isso aí! Simples como a vida" (Continental) e se afirma como um continuador competente do legado semeado ao longo de praticamente cinco décadas por mestre Lua.

Em seu novo álbum, Gonzagão, em parceria com João Silva (que também produz o disco junto com Chiquinho do Acordeon), apresenta seis novas composições: "Fruta Madura"; "Outro Amanhã Será"; "Forró Gostoso"; "Recado do Velho"; "Tá qui Pa Tu" e "Pra Que Mais Mulher", onde não há espaço para a dor, apenas para a simplicidade de letras descompromissadas, alegres e cheias de mordacidade.

Mas, Gonzagão também dá força para gente boa e interpreta de Jorge de Altinho "Bom pra Eu"; de Nando Cordel "No Canto do Salão"; de Cecéu "Cajueiro Velho" e "Moela e Coração"; de Antônio Barros "Vamos Ajuntar os Troços"; e de João Silva e Raymundo Evangelista "Dá Licença pra Mais Um".

O "Rei do Baião" canta ainda ao lado de alguns expoentes da música nordestina como a "Rainha do Baião", Carmélia Alves e Geraldo Azevedo; além de dividir com o sobrinho Joquinha Gonzaga a faixa "Dá Licença pra Mais Um", uma espécie de carta de apresentação oficial.

"Aí tem" é um disco de quem já disse tudo o que quis e o que precisava dizer. O negócio do "velho" Lua agora é cantar alegria.

Dominginhos não deixa a peteca cair em "É Isso Aí! Simples Como a Vida" e acompanhado por feras da música instrumental brasileira como Chiquinho do Acordeon e Romeo Seibel (acordeão); Amilson Godoy (teclados); Arismar do Espírito Santo (baixo); Heraldo do Monte e Edson José Alves (guitarra), além de Francisco Nonato de Souza e Borel (zabumba) e Juberlino Martins Levino (triângulo); entre outros, mostra o potencial do forró.

Percorrendo do autêntico ao romântico, Dominginhos dá contemporaneidade ao forró e garante que a festa vai continuar ainda por muito tempo. Afinal, "Quando ouço o ronco da sanfona/ O fole solto tocando/ Não sei nem o que fazer/ Se danço, se canto, se pulo, se entro na roda.../ ...É um roça-roça/ É um apertado/ É aí que a coisa esquenta/ E pega fogo no salão/ Vem cá meu bem/ Vem cá dançar/ Que essa brincadeira/ Vai até o sol raiar".

É isso aí! Aí tem. E como!



Jorge Arbach

Ideologia

Cazuza vai à luta

Cazuza dá a volta por cima e vai à luta. "Ideologia" (PolyGram), seu terceiro LP é simplesmente despretencioso e, por isso mesmo, não tem compromisso com nada. O forte do disco são as letras, seja em "Ideologia"; "Meu partido/ é um coração patido/ e as ilusões estão todas perdidas/ os meus sonhos/ foram todos vendidos/ tão barato que eu nem acredito/ que aquele garoto que ia mudar o mundo/ frequenta agora as festas do 'grand monde'/ Meus heróis morreram de overdose/ meus inimigos estão no poder/ ideologia/ eu quero uma pra viver/ O meu prazer/ agora é risco de vida/ meu sex and drugs não tem nenhum rock'n roll/ eu vou pagar a conta do analista/ pra nunca ter que saber quem eu sou/ pois aquele garoto que ia mudar o mundo/ agora assiste a tudo em cima do muro/ Meus heróis...", seja em "Brasil":



Cazuza, em "Ideologia", seu terceiro LP, está afiado e afinado com o seu tempo. Ora indignado ora conformista, se expõe e deixa claro que este trabalho é o da maturidade poética. Tanto rock quanto a MPB estão presentes; afinal, Cazuza não quer compromisso com nada, a não ser com a vida

"Não me convidaram/ pra essa festa pobre/ que os homens armaram/ pra me convencer/ a pagar sem ver/ toda essa droga/ que já vem malhada/ antes d'eu nascer/ não me ofereceram/ nem um cigarro/ fiquei na porta/ estacionando os carros/ não me elegeram chefe de nada/ o meu cartão de crédito/ é uma navalha/ Brasil/ mostra a tua cara/ quero ver quem paga/ pra gente ficar assim/ Brasil/ qual é o teu negócio/ o nome do teu sócio/ confia em mim/ Não me sortearam a garota do Fantástico/ não me subornaram/ será que é meu fim/ ver tv a cores/ na taba de um índio/ programada pra só dizer sim/ Grande pátria desimportante/ em nenhum instante/ eu vou te trair", a contundência de Cazuza está à flor-da-pele.

Com produção de Cazuza, Ezequiel Neves e Nilo Romero, "Ideologia", transita entre o rock e a MPB e é o trabalho da maturidade poética do autor. Afiado e afinado com o seu tempo, apesar de não querer empunhar bandeira alguma, Cazuza dá um recado seguro, às vezes indignado, outras vezes conformista.

A costura musical, a partir da guitarra de Ricardo Palmeira, que permeia o disco de lado a lado, se completa com mestre Marçal, que cuida da percussão em cinco das 12 faixas, além das participações de Rafael Rabelo, no violão, em "O assassinato da flor"; Lobão, na bateria, em "Obrigado por ter se mandado"; Christie Hou, no violino, em "A orelha de Eurídice"; e Sandra Sá, nos vocais, em "Blues da Piedade" e "Guerra Civil".

Cazuza, mais que nunca, se expõe. E como sabe das coisas, ataca direto: "vamos pra vida!". (JS)

DOIS